

Policamento reforçado em Planaltina

Autoridades prometeram mais segurança à população da cidade. Todos tinham uma história de violência para contar

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Avendedora de alface veio. O dono do posto de gasolina chegou em cima da hora. O motorista da lotação, baleado na noite de quarta-feira — e ainda amedrontado —, também compareceu. Todos queriam ouvir as autoridades prometerem. Afinal, estavam lá o secretário de Segurança, o comandante geral da Polícia Militar do Distrito Federal e o delegado da cidade. Não mandaram assessores.

Todos vieram. Depois da matéria do Correio denunciando a barbárie que se instalou em Planaltina — mais precisamente entre gangues de Vila Roriz e Vila Buritis II — todos vieram.

E prometeram. Garantiram que vão reforçar o policiamento em Planaltina, que colocarão mais homens nas ruas, que farão blitzes, que conseguiram, junto à Justiça, mandado de apreensão de armas, drogas e até prisão preventiva.

No auditório da Administração Regional da cidade as autoridades se reuniram. Marizete Gomes da Silva — a vendedora de alface — esperava ouvir que um dia poderá andar com segurança na cidade onde mora. Aos 56 anos, quatro filhos, ontem mesmo, ao meio-dia, quando saía de casa, deparou-se com um tiroteio. "Ainda ouvi uns três tiros e corri. A gente escapa da morte aqui todo dia. Escapa por milagre", diz a mulher simplória que tem medo da morte, de bala perdida e de ser a próxima vítima. "Outro dia, mataram um rapazinho aqui sem mais nem menos", compadece-se a boa verdureira.

Antes das autoridades entrarem no auditório da Administração Regional, 12 carros da PM desfilaram pela cidade. Sirenes ligadas, fizeram barulho. A população viu a polícia. Viu seus carros. Parou na rua para olhar. "Hoje, tem polícia aqui. Ontem (quarta-feira), eu fui baleado enquanto

trabalhava", lamenta o motorista de lotação, Paulo Rodrigues de Souza, de 42 anos — aquele que esperava as autoridades chegarem.

Fim de expediente, 21h, noite de quarta-feira. Seria a última viagem do motorista. Um menino de 16 anos, que estava dentro do carro, avisou que é um assalto. Antes de Paulo esboçar qualquer reação, o rapaz atira. Foram dois disparos. Um atingiu o braço do motorista. O garoto, que tanto queria dinheiro, não levou nada. Só atirou.

Na tarde de ontem, com o braço machucado, Paulo foi ouvir o que as autoridades tinham a falar.

REFORÇO

O comandante geral da Polícia Militar, coronel Antônio Ribeiro da Cunha, falou. E prometeu. "Não adianta vir aqui passear de carro pelas ruas e no outro dia sumir. Segurança se faz com ação", avisou ele.

Prometeu que, a partir de hoje, mais 40 homens se somarão aos 48 que trabalham diariamente em Planaltina. "Colocaremos mais cinco viaturas da Patamo (polícia de choque) circulando pelas ruas todos os dias. Em horários já sabidamente críticos, serão 10 carros", enumera o comandante.

O Secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco, disse que a polícia estará em Planaltina, "assim como em todas os pontos do DF", para defender os moradores das pessoas que "aterrorizam essa cidade". Mas pediu: "A população tem que ajudar. Ela sabe quem são os bandidos e pode denunciar", pediu. E justificou: "Estavamos com todas as ações prontas para serem anunciadas. Mas, como a imprensa publicou hoje a violência que se instalou em Planaltina, resolvemos vir hoje e comunicar as novas medidas de segurança para a população".

O dono do posto de gasolina — aquele que chegou em cima da hora

Fotos: Wanderlei Pozzembom



O secretário Paulo Castelo Branco, o comandante da PM e o chefe da Polícia Civil: segurança se faz com ação

para a reunião — sabe de perto o que é violência. João Luiz da Silva está cansado. E descrente. Só este ano, menores armados já assaltaram seu estabelecimento quatro vezes. "Antes era só a noite. Hoje, é em pleno dia. Não tem mais hora certa", lamenta o piauiense de 44 anos e dois filhos.

Marizete, a mulher dos alfaches, foi ouvir o anúncio das novas medidas.

"Moço, aqui falta mesmo é polícia na rua. Se não, ninguém dá mais jeito. Lá no Agreste e no Pombal (leia-se Vila Roriz e a Vila Buritis II, respectivamente) já virou um verdadeiro banguê-bangue. Lá quase toda semana morre um", apavora-se ela.

O motorista de lotação baleado agradece a Deus pelo tiro ter pegado de raspão no seu braço. "O rapaz quis me matar pra levar meu dinheiro e

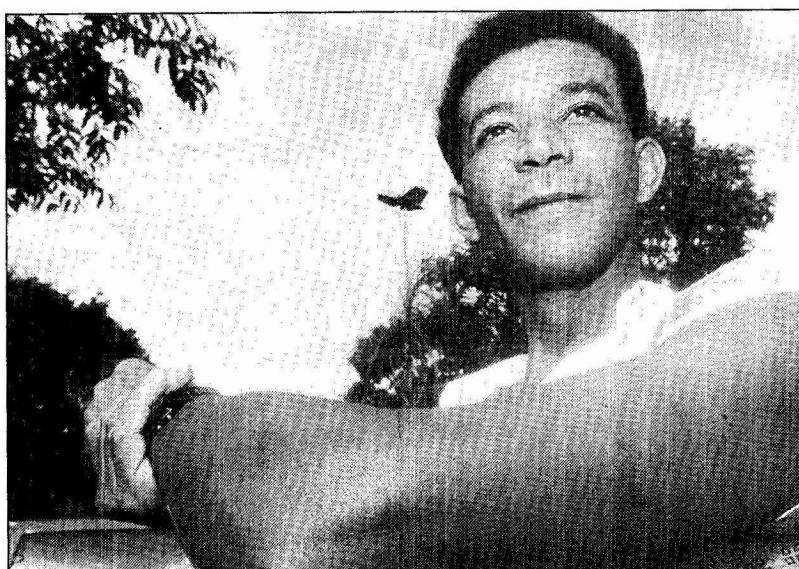
acabou nem levando. Aqui, a vida de um pai de família não tem valor nenhum. Hoje eu podia ser mais um defunto. Quem ia cuidar dos meus dois filhos?"

LEI DA BALA

Enquanto as autoridades anunciam as novas medidas de segurança sem tolerância no auditório da Administração Regional, na Vila Roriz — no Agreste — líderes de gangues reforçavam a barbárie. "Véio, aqui a lei é a bala", diz um garoto de 16 anos, enrolando mais um chiclete (cigarro de merla). Ao redor, meninos de 10, 12 e 14 anos ouvem extasiados a história. Ele vira rei.

O delegado-titular de Planaltina, Ailton Carlos da Silva, de 38 anos, já sabe pelo menos quem são os integrantes. "Temos 25 pessoas identificadas. A maioria é menor de idade. Encaminharemos os nomes à Justiça e ao Juizado de Menores."

A dona dos alfaches foi para casa aliada. O dono do posto de gasolina reza para que não seja mais assaltado. O motorista da lotação quer esquecer o drama que viveu. E assim mais um dia se passou na violenta e assustadora Planaltina.



Paulo Rodrigues de Souza, baleado, diz quase toda semana morre um

ANÁLISE DA NOTÍCIA

"SERÁ QUE VEM PARA FICAR?"

O governo de Joaquim Roriz não aceitará violência. Combinará crimes sem tolerância. Aliás, tolerância nenhuma. "Tolerância zero". Foi isso que pregou ainda em campanha. Toda notícia divulgada na imprensa sobre crimes e insegurança da população, lá estão as autoridades competentes para conferir. Às vezes até no mesmo dia. Vão, ouvem a população e prometem mudanças. As pessoas esperam.

Ontem, em Planaltina, estavam o secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco, o comandante geral da Polícia Militar, coronel Antônio Ribeiro da Cunha, e o diretor geral da Polícia Civil, Laerte Bessa Rodrigues.

Vieram os carros com suas sirenes ligadas, vieram os policiais armados. Circularam pela cidade. Fizeram barulho. Impressionaram a população medrosa e refém de bandido.

A vendedora de alface se pergunta: "Será que vêm pra ficar?". É a pergunta que todos os outros moradores se fazem. Resta saber se é só uma estratégia de marketing do novo governo ou se realmente as medidas serão eficazes. Daqui a 15 dias estarão lá os mesmos homens e suas sirenes ligadas?

Marizete — a mulher dos alfaches — presenciou na manhã de quarta-feira a mais um tiroteio. Correu. Correu muito para não morrer de graça. Está apavorada. Junto com ela, pelo menos 140 mil habitantes de Planaltina vivem dias de insegurança e medo. Ontem, assistiram a uma verdadeira operação de guerra. Há muito não viam naquela cidade tantos carros e homens armados — aqueles de uniformes que são pagos por essa mesma população acuada para defendê-la. Há muito não se sentiam tão seguros. Até quando? (MA)